AUTORIA VIRTUAL COMPARTILHADA EM TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO ONLINE

SHARED VIRTUAL AUTHORSHIP IN ONLINE CONSPIRACY THEORIES

Israel Vieira Pereira[1]

Resumo
Neste artigo, tecemos considerações sobre autoria e coautoria em teorias da conspiração pela ótica da análise de discurso francesa. De acordo com Fenster (2008) e Hofstadter (1964), teorias da conspiração não possuem um fecho definitivo, pois é sua incompletude que mantém os leitores engajados em busca de respostas. Para debatermos tais gestos de leitura e aparente coautoria em teorias da conspiração, mobilizamos o conceito de autoria virtual compartilhada (MAZON, 2018), que versa sobre interpretação e subjetividade em narrativas sem fecho. Concluímos que o sujeito leitor de teorias da conspiração é também um sujeito que se faz coautor, contribuindo para a significação de elementos indeterminados da narrativa conspiratória.

Palavras-chave: Teorias da Conspiração. Discurso. Autoria Virtual Compartilhada.

Abstract
In this article, we debate about authorship and co-authorship in conspiracy theories through the french discourse analysis point of view. According to Fenster (2008) and Hofstadter (1964), conspiracy theories do not have a definitive ending, since its incomplete nature keeps readers engaged in their seek for answers. To debate how the interpretation and coauthorship happen in conspiracy theories, we mobilize the concept of shared virtual authorship (MAZON, 2018), which help us to analyze interpretation and subjectivity in open-ended narratives. In our conclusion, we present that the subject who reads conspiracy theories also acts as a coauthor, helping to give meaning to indetermined elements in the conspiracy narrative.

Key words: Conspiracy theories. Discourse. Shared Virtual Authorship.

1. INTRODUÇÃO

Durante a pandemia do COVID-19, teorias conspiratórias conquistaram muito espaço na internet, buscando dar sentido ao momento histórico caótico e disruptivo

[1] Possui Graduação em Letras Português-Inglês pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2013). Possui Mestrado (2016) e Doutorado (2021) em Ciências da Linguagem. Seu trabalho é voltado à análise dos processos discursivos, culturais e narrativos de boatos, teorias da conspiração e outros textos tomados como não-oficiais. Possui interesse nos seguintes temas: Análise do Discurso; Teoria Literária; Gêneros Discursivos; Filosofia da Linguagem.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

de proporções globais. Internautas falaram e ainda falam de caixões que seriam enterrados vazios para assustar as pessoas (LEMOS, 2020), de medicamentos ineficazes e supostos remédios naturais (GRANCHI, 2020) e, dentre outras coisas, de planos de dominação mundial e manipulação comportamental através das diretrizes de distanciamento e uso de máscara. De acordo com a pesquisadora em psicologia social Karen Douglas (2021), isso se dá porque, durante uma pandemia, "uncertainties are high, and people are worried and fearful for their future and the future of their loved ones. They are seeking information to answer important questions about the outlook for the coming months"[2] (DOUGLAS, 2021, p, 271). Frustração, desesperança e incerteza são alguns dos fatores que levam à proeminência de narrativas que visam mitigar tais sensações desconfortáveis.

No Brasil, em particular, o compartilhamento desses conteúdos também foi feito por entidades políticas (como o presidente Jair Bolsonaro) e comunicadores próximos a tais autoridades, como o blogueiro Allan dos Santos, uma das figuras centrais no inquérito das *Fake News* do Supremo Tribunal Federal. Nessa relação, influenciadores e agentes políticos trabalham juntos diante da crise para obter legitimidade e justificar ações de autoridade, mesmo aquelas que vão na contramão de conselhos especializados de diferentes países, na tentativa de convencer a sociedade "sobre o benefício de um programa ou uma ação política e para seduzi-lo e atrair os favores do maior número possível, lançando mão de todos os recursos — sendo que alguns recursos se dirigem à razão do público e outros à sua emoção" (CHARAUDEAU, 2016, p. 20). Recursos narrativos e midiáticos que servem para justificar ações ou a falta delas.

No ambiente específico da internet, teorias conspiratórias precisam repercutir para chegar a mais pessoas. E, na internet, isso se faz através da curtida, do comentário, do compartilhamento, de algum tipo de engajamento significativo que atribua relevância ao conteúdo compartilhado. Porém, por que alguém engajaria publicações desse tipo? Seria o engajamento a teorias conspiratórias uma forma de coautoria? Para respondermos, utilizaremos o conceito de autoria virtual compartilhada (MAZON, 2018), que é mobilizado em análise de discurso para analisar narrativas sem fecho. Antes, porém, cabe-nos fundamentar esse debate.

[2] Em tradução livre: Há muitas incertezas e as pessoas estão preocupadas e temerosas em relação ao futuro de si próprias e dos entes queridos. Elas procuram informação para responder perguntas importantes sobre os meses que virão.

Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

2. DISCURSO, ACONTECIMENTO, NARRATIVIDADE

Em análise do discurso, diremos que as palavras não possuem uma correspondência direta e unívoca com os objetos que pretendem referenciar. A relação entre palavra e coisa se dá através de um imaginário discursivo que procura dar unidade a um mundo de significados dispersos e conflituosos. "É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona" (ORLANDI, 2013, p. 74). Nesse sentido, o discurso pode ser definido como "uma relação, uma correspondência entre língua e questões que surjam no exterior desta" (COURTINE, 2009, p. 30), que provoca um efeito de não-contradição entre palavra e coisa significada.

Essa teorização nos permite perceber que o funcionamento da língua vai além de sua estrutura (fonética, morfológica e sintática). O problema da significação envolve a construção imaginária do referente, e tal trabalho não se dá isoladamente. Ele se dá entre sujeitos inseridos em contextos sócio-discursivos-culturais muito diversos.

Entendemos que o sujeito é "posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso" (ORLANDI, 1999). A instância do imaginário e a da subjetividade se encontram: é nesse mundo simbolizado que o sujeito se projeta e passa a significar a realidade que lhe rodeia. Real simbolizado que une a estrutura de uma língua cuja correspondência entre palavra e objeto se faz imaginariamente e o acontecimento, como demonstra Michel Pêcheux ([1983] 2015) em sua análise do *On'a Gagné*.

O enunciado *On'a Gagné* ("Vencemos", em francês) foi cantado por eleitores de Françoise Mitterrand ao saberem da vitória de seu candidato em 1981. A "materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político" (PÊCHEUX, [1983] 2015, p. 21). Isso porque ela vem de outro domínio: o futebol francês. Tanto o futebol quanto as eleições possuem em comum uma estrutura própria de funcionamento (o sistema de pontos de um campeonato ou o número de votos em uma eleição), mas que, em si, não dá conta de dar sentido ao acontecimento que é uma vitória ou uma derrota.

Por isso, o enunciado *On'a Gagné*, exibido pelos meios de comunicação em massa, faz com que o acontecimento seja "ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco" (PÊCHEUX,

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

[1983] 2015, p. 19). Afinal, quem venceu? Será que foi, de fato, uma vitória para o povo francês? Independentemente das respostas, o *On'a Gagné* sai ressignificado ao ser utilizado na comemoração política. E, ao mesmo tempo, ajuda a significar essa mesma comemoração.

Continuando esse debate, Pêcheux ([1983] 2015) demonstra como a mídia impressa de sua época simbolizou o acontecimento da vitória de Mitterand. Alguns enunciados utilizados como exemplo são "F. Mitterand é eleito presidente da república" e "a coalização socialista-comunista se apodera da França" (PÊCHEUX, [1983] 2015, p. 20). Perceba-se, aqui, que a maneira como o acontecimento é simbolizado é tão importante quanto o acontecimento em si. Sem a simbolização do acontecimento pela língua, não há acontecimento, e sem uma memória discursiva, "que produz o efeito de evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados, admitidos como 'naturais'" (ORLANDI, 2013, p. 31), não há língua.

Para Pêcheux ([1983] 2015), simbolizar o acontecimento é necessário para sustentar a ilusão de um mundo semanticamente estável, cujos sentidos pareçam controláveis ao sujeito. Sujeito este que, na contemporaneidade capitalista, precisa ser individuado: isto é, ter-lhe incutida a ilusão de autonomia, unicidade e responsabilidade total sobre suas ações e dizeres através de certos discursos e dispositivos institucionais.

> O sujeito moderno – capitalista – é ao mesmo tempo livre e submisso, determinado (pela exterioridade) e determinador (do que diz): essa é a condição de sua responsabilidade (sujeito jurídico, sujeito a direitos e deveres) e de sua coerência (não-contradição) que lhe garantem, em conjunto, sua impressão de unidade e controle de (por) sua vontade. Não só dos outros mas até de si mesmo. Bastando ter poder... (ORLANDI, 2012b, p. 104),

Porém, como não há unidade na língua e nos discursos, é comum haver conflito entre diferentes versões de um mesmo acontecimento, especialmente se ele suscitar polêmica. Segundo Orlandi (2017, p. 37), "os fatos se constroem com interpretações. Por isso, as versões, por isso o acontecimento discursivo em seu equívoco, seus pontos de deriva, efeitos metafóricos que escorregam, podendo fazer mexer [...] a rede de sentidos constituídos pela memória". Tais versões se materializam com alguma estrutura narrativa e engendram processos discursivos de identificação e significação que Orlandi (2017) denominará de narratividade. Esta se refere ao modo pelo qual uma memória se diz em processos identitários apoiados "em modos de individuação do sujeito,

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

afirmando/vinculando [...] sua existência a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas" (ORLANDI, 2017, p. 78).

A narratividade é um processo que nos ajudará a entrelaçar a memória, a individuação enquanto processo em que o sujeito se acredita único e dono do seu dizer e o acontecimento narrativizado como forma de estabilizar o mundo e assumir uma posição nele. Na próxima seção, veremos como teorias conspiratórias constroem suas versões e trabalham essa necessidade que o sujeito possui por um mundo semanticamente normal, sobre o qual teríamos algum controle.

3. TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

Como se dá a relação entre o desejo de um mundo estável e teorias conspiratórias? O historiador Richard Hosftadter, em um dos trabalhos inaugurais sobre teorias da conspiração, associa a figura do conspiracionista ao de um paranoico, que encontra em sua paranoia uma posição militante em defesa da supressão imediata de problemas sociais complexos.

Para Hofstadter (1964), o paranoico conspiracionista "does not see social conflict as something to be mediated and compromised, in the manner of the working politician. Since what is at stake is always a conflict between absolute good and absolute evil, what is necessary is not compromise but the will to fight things out to a finish"[3]. Esse princípio conspiratório parece ressoar o discurso de Pêcheux sobre a inclinação pragmática do sujeito, que "é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si mesmo e/ou para os outros" (PÊCHEUX [1983] 2015, p. 34). A conspiração cresce através dessa bipartição do mundo entre certo e errado, criando uma ilusão de estabilidade diante de acontecimentos chocantes ou polêmicos, sendo, talvez, a parte "eventualmente mortal" do comportamento individuado pragmático. Afinal, como Hofstadter (1964) aponta, o paranoico conspiracionista é aquele que se fecha a qualquer tentativa de mediação ou diálogo. Ele procura uma vitória total contra tudo aquilo que considera errado; uma expectativa irreal, mas que o mantém engajado em qualquer causa sendo defendida.

[3] Em tradução livre: [...] não vê conflito como algo a ser mediado e resolvido, como o faria um político atuante. Tendo em vista que o que está em jogo é um conflito entre o bem e o mal absolutos, o único compromisso que se estabelece é o de lutar até o fim pela própria causa.

Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

Um ponto a ser criticado no trabalho de Hofstadter é que associar teorias da conspiração a uma espécie de paranoia reduz as possibilidades de pesquisa e crítica sobre o tema. Concordamos com Fenster (2008) quando ele afirma que teorias da conspiração devem ser estudadas como prática e forma cultural, sem que fiquemos "paranoicos com a ideia de paranoia conspiracionista". Entenda-se cultura aqui através da maneira como Terry Eagleton a trata a partir de seu sentido ligado à lavoura, ao (re)trabalho constante da terra.

> Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. (EAGLETON, 2011, p. 11)

Partindo dessa premissa, a teoria da conspiração é, ao mesmo tempo, produto e produção, algo que transforma símbolos complexos e díspares e que cria um universo ao qual diferentes sujeitos, através da narratividade mobilizada, são vinculados, tornando "visível o invisível da memória, dos sentidos e dos sujeitos" (ORLANDI, 2017, p. 319). Teorias da conspiração mobilizam aspectos culturais de produção, uma memória discursiva socialmente compartilhada e determinados tipos de acontecimento. Considerando a reflexão inicial feita por Douglas (2021), acontecimentos que provocam uma ruptura em um modo de vida já estabelecido (no nosso caso, o do capitalismo liberal) tendem a aumentar a criação e circulação de teorias conspiratórias.

Em seu trabalho sobre teorias da conspiração, Fenster dá coro a essa ideia. Segundo o autor (2008), teorias conspiratórias tentam identificar a existência e as maquinações de algum poder oculto, porém muito grande, cujo objetivo seria destruir um modo de vida que certos grupos considerariam ideais (a *Nova Ordem Mundial* contra os *Cristãos*, o *Comunismo* contra o *Ocidente*).

Das características que Fenster (2008) identifica em teorias conspiratórias, há duas que se destacam e estão entrelaçadas: a falta de um final satisfatório e a tendência de arregimentar e interconectar um grande número de informações, como se o excesso correspondesse a uma verdade maior. Quanto a este último caso, o filósofo Daniel Cohnitz (2017) argumenta que teóricos da conspiração "choose the theory that can explain more aspects, choose a theory that is supported by more evidence, choose a theory

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

that doesn't postulate a great number of unlikely events." (COHNITZ, 2017, p. 18)[4]. Em uma teoria da conspiração, quanto maior o número de informações e a quantidade de acontecimentos entrelaçados de maneira aparentemente coesa, melhor.

Nesse sentido, tal como um jogo, teorias conspiratórias encorajam o leitor a "find new, hidden possibilities lurking in the recesses of history and the daily newspaper" [5](FENSTER, 2008, p. 194). Interromper o influxo de informações, essa capacidade de angariar dados continuamente, seria dar um fim à narrativa conspiratória. Um fim significaria a vitória do conspirador ou o cessar do processo interpretativo e lúdico que essas teorias geram, processo este que promove algum nível de interação social e engajamento político-partidário (FENSTER, 2008, p. 194). Esse funcionamento é particularmente reforçado no ambiente *web*, onde já há um

> imaginário do completo, do estabelecido, do preciso, melhor ainda, do exato. Saturação e imobilidade, na maior parte das vezes, andam juntas. Ecos, memórias feitas de ressonância, prática de repercutir. Aí temos, como dissemos, a imobilidade pelo excesso e não pela falta. (ORLANDI, 2017, p. 240).

Por sua vez, a falta projetada de um fecho em teorias conspiratórias pode ser analisada a partir do conceito de Autoria Virtual Compartilhada (MAZON, 2017), discutindo a relação autor-leitor nessas narrativas e os efeitos da falta de fecho narrativo.

Para darmos base ao debate sobre Autoria Virtual Compartilhada, trazemos uma reflexão de Orlandi (2012) sobre autoria e leitura no campo do discurso. Segundo a autora (2012, p. 61),

> Não se pode falar do lugar do outro; no entanto, pelo mecanismo de antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro o espera com sua escuta e, assim, "guiado" por esse imaginário, constitui, na textualidade, um leitor virtual que lhe corresponde, como um seu duplo

Há, no gesto de autoria, uma projeção de sentidos que se destinam a um outro constituído imaginariamente. Com base nisso, o autor pode buscar dar uma coerência, uma totalidade, um fecho ao seu texto, na tentativa de produzir um efeito específico. Não

[4] Em tradução livre: [...] escolhem a teoria que possa explicar mais aspectos, as que parecem ser sustentadas por mais evidências, que não postulam um número muito grande de eventos improváveis.

[5] Em tradução livre: […] a encontrar possibilidades novas, ocultas, escondidas nas falhas da história e nos jornais.

Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

sabemos quais efeitos nossos textos produzirão, mas tentamos antecipá-los, o que afeta a forma como estruturamos a escrita enquanto autores. Em outras palavras, lembrando-nos que "o modo como aceitamos a representação do mundo real pouco difere do modo como aceitamos a representação de mundos ficcionais" (ECO, 2017, p. 96), desejamos, enquanto autores e leitores, uma narrativa nos moldes clássicos. Um "todo" dotado de continuidade.

> "Todo" é o que possui começo, meio e fim. "Começo" é o que em si não é, por necessidade, antecedido de outro, mas após o qual algo de diferente naturalmente existe ou se manifesta; ao contrário, "fim" é o que naturalmente é antecedido, por necessidade ou na maior parte dos casos, de outro, mas após o qual nada advém; "meio" é o que em si vem após o outro e após o qual algo de diferente advém. Assim, os enredos bem compostos não devem nem começar nem terminar em função de um ponto escolhido ao acaso, mas se conformar às ideias aqui mencionadas. (ARISTÓTELES, 2017, p. 91).

Porém, o que acontece quando a narrativa não encontra fim (como em teorias conspiratórias)? Assim como a existência de fecho não significa o fim do trabalho da interpretação, a falta de um não coloca a leitura em suspenso. Pelo contrário, ela permite um gesto de autoria virtual compartilhada, conceito elaborado pela analista de discurso Tatiani Longo Mazon (2018) através da análise de um conto de Lygia Fagundes Telles. No gesto de autoria virtual compartilhada, as figuras do autor e do leitor se confundem e caminham juntas na produção de sentidos.

> Essa autoria, formulada nas formações imaginárias e projetada no percurso de interpretação, é o que chamamos de autoria virtual compartilhada. É compartilhada porque, no caso de histórias que deixam os sentidos fluidos, o autor, mesmo estando na posição de A que fala para B, autoriza o leitor a participar desse percurso junto com ele, criando novos sentidos e até mesmo, novos finais para a história lida pelo sujeito leitor-autor (C). (MAZON, 2017, p. 72)

O conceito permite um melhor debate sobre narrativas sem fecho, fanfics, reformulações e, argumentamos, teorias da conspiração. Por isso, o mobilizaremos na próxima seção para analisar o funcionamento de teorias conspiratórias.

Vimos nesta seção que teorias conspiratórias tentam significar acontecimentos a partir de uma dinâmica própria que envolve excesso de informações e um fecho indefinido. Veremos, na seção seguinte, como esse processo se dá em uma teoria conspiratória online publicada pelo blogueiro Allan dos Santos.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

4. GESTOS DE AUTORIA E LEITURA DE TEORIAS CONSPIRATÓRIAS

No mês de março de 2020, o novo coronavírus (COVID-19) ganhava destaque no noticiário e preocupava autoridades ao redor do mundo. No dia 11 daquele mês, a OMS, representada pelo diretor Tedros Adhanom, significou a gravidade da propagação do vírus ao declarar sua pandemia, tornando-o um acontecimento discursivo. Alguns países, como a Itália, impuseram lockdown e medidas restritivas para conter o vírus, enquanto outros fechavam seus aeroportos para viagens.

Na contramão dos cuidados necessários e dos avisos de pesquisadores quanto à gravidade do novo coronavírus, teóricos da conspiração começaram a criar suas narrativas para significar o acontecimento da pandemia. O blogueiro Allan dos Santos, conhecido apoiador das iniciativas do Governo Federal, publicou em seu Twitter no dia 27 de março uma série de postagens associando a pandemia a uma conspiração dos chineses e dos comunistas para desestabilizar a direita no poder. Os tweets, que conquistaram 11 mil curtidas e quase 3 mil compartilhamentos, fizeram parte do esforço de Santos para "retratar a pandemia como alarmismo da imprensa. Já disse, por exemplo, que seria necessário fazer autópsia em todos os órgãos para confirmar se alguém morreu devido ao vírus, o que não é verdade." (PORTINARI, 2020). Neles, dos Santos constrói a seguinte narrativa:

Figuras 1 e 2: Narrativa de Allan dos Santos



Fonte: Captura de Tela do Twitter

Alguns dos elementos clássicos de teorias da conspiração são encontrados nas postagens de Santos. Há uma reunião de informações díspares em uma formulação

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

aparentemente coerente, em que uma coisa parece conduzir à outra. O coronavírus não seria nada além de um grande plano da China e dos Soviéticos — remetendo a uma memória sobre a Guerra-Fria, demarcando um conflito entre o bem supremo, representado pelo capitalismo estadunidense, e o mal, na figura do comunismo soviete — para tirar certos líderes do poder. O objetivo final seria ajudar a China a implementar o 5G no mundo todo, o que supostamente legaria ao país o controle sobre os dados e as informações.

Na narrativa, Trump e Bolsonaro aparecem como personagens de importância central: sem eles, esse mal quase que indeterminado, representado pela união entre China, países ditos comunistas e o Foro de São Paulo, dará continuidade aos seus planos. Quais são esses planos? Quem são esses sujeitos? Quais informações esse bloco sino-soviético pretende coletar e como as utilizará? Perguntas sem resposta, permitindo os gestos de autoria virtual compartilhada que remetem aos efeitos dos boatos: "O boato está a meio caminho entre a constituição do sentido (filiação do dizer a uma memória que não é diretamente acessível) e sua formulação ainda não acabada (sempre estabelecida por falhas, possibilidade de diferentes versões)" (ORLANDI, 2012, p. 315).

Os sentidos indeterminados projetam a participação do leitor como autor, colocando-o como alguém que "deveria pesquisar sobre o assunto" e acrescentar seus palpites, em um funcionamento característico da web, que faz com que "o muito cheio e a produção constante de tudo no instantâneo apaguem o histórico e o político" (ORLANDI, 2017, p. 255). No excesso de informações, há uma tentativa de resgatar a sensação de estabilidade pré-pandemia.

Nos comentários, gestos de autoria virtual compartilhada ganham destaque, sendo curtidos e comentados. Algumas postagens ressoam o pronome "nós", demarcando adesão à narrativa e reforçando a divisão pragmática e maniqueísta do mundo entre bem e mal: "Nós vamos vencer ESSA GENTE". A indeterminação do "ESSA GENTE", em caixa alta, estabelece que os inimigos podem ser muitos, mas a solução só pode ser uma: apoiar o presidente Bolsonaro.

Outros acrescentam elementos à narrativa, integrando seu funcionamento. "[...] ter um conservador puro-sangue como Bolsonaro no governo de um país de dimensões continentais é um desastre para quem quer um governo mundial", afirma um leitor. "E hoje escuto a notícia que quem esta ajudando mais a Italia sao Cuba, China e Russia, bem orquestrado o plano, to começando a acreditar nessa teoria", diz outro, seguido de uma postagem-resposta que afirma que "o plano da antiga União soviética não

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

morreu...". Esse último comentário recebe outro: "Mais vivos que nunca, acredito inclusive que Genuíno, Dirceu, Lula.... são crias desta escola .".

Indeterminação e certeza se entrecruzam e tornam a narrativa aparentemente mais coerente e entrelaçada, resgatando sentidos dispersos na memória para tentar responder à complexidade da pandemia através de uma simplificação semântica do mundo. Os comentários mobilizam diferentes memórias e sentidos, como se buscassem decifrar as origens, o futuro e as consequências da narrativa conspiratória montada por Santos.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

Figura 3: Comentários na Postagem de Allan dos Santos



Fonte: Captura de Tela do Twitter

Figura 4: Comentários na Postagem de Allan dos Santos



Fonte: Captura de Tela do Twitter

Na teoria da conspiração, portanto, há um movimento de leitura (de mundo, de narrativa) acompanhado de um gesto de autoria em que o leitor se sente qualificado para ajudar de alguma forma. Ao comentar e expandir a narrativa, o leitor-coautor adere ao jogo conspiratório e se sente peça importante em um embate imaginário contra o mal absoluto construído narrativamente.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de crise, a ilusão de autonomia do sujeito é colocada em xeque. Com a pandemia, não foi diferente. Vimos que teorias da conspiração agem como uma das respostas à instabilidade que rupturas provocam, mobilizando afetos, discursos, memórias e alguns procedimentos narrativos singulares. Dois deles, como destacamos, são o excesso de informações e a falta de um fecho, que estimulam o leitor a participar através de gestos de autoria virtual compartilhada.

Em nossa análise em particular, os leitores receberam uma série de sentidos indeterminados colocados em uma ordem aparentemente coerente, cabendo-lhes o papel de pesquisar mais sobre o assunto e desenvolvê-lo através de comentários, retweets e outras formas de participação. Tal funcionamento justifica, para o sujeito, certas ações políticas e práticas, como a eleição de determinados candidatos ou a desconfiança em relação a autoridades e à gravidade de um problema, prejudicando a execução de medidas que poderiam proteger mais pessoas do vírus. Estudar o funcionamento de teorias conspiratórias e seu impacto é fundamental para debater como conter seus danos à sociedade em curto, médio e longo prazo.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos linguísticos.** Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990.

ARISTÓTELES. **Poética.** São Paulo: Editora 34, 2017

COHNITZ, Daniel. **Critical Citizens or Paranoid Nutcases?** On the epistemology of Conspiracy Theories. Utrecht: Utrecht University, 2017. Disponível em: https://philarchive.org/archive/COHCCO. Acesso em: 15 jul. 2021.

COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DOUGLAS, Karen. Covid-19 Conspiracy Theories**. Group Processes & Intergroup Relations.** 2021, vol. 24(2), p. 270-275. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1368430220982068. Acesso em: 15 jul. 2021.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Revista Língua & Literatura, v. 24, n. 43, p. 85-98, jan./jun. 2022.
Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.

FENSTER, Mark. **Conspiracy Theories:** Secrecy and Power in American Culture. Minnesota: University of Minesota Press, 2008.

HOFSTADTER, Richard. The Paranoid Style in American Politics. In. **Harper's Magazine.** Nova Iorque, 1964. Disponível em: <https://harpers.org/archive/1964/11/the-paranoid-style-in-american-politics/>. Acesso em 15 jul. 2021.

GRANCHI, Giuila. Do alho ao ozônio: os tratamentos sem comprovação para combater a covid-19. **Uol**, 8 ago. 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/08/08/do-alho-ao-ozonio-as-promessas-sem-comprovacao-para-combater-a-covid-19.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

LEMOS, Vinícius. A farsa dos caixões vazios usados para minimizar mortes por covid-19. **BBC News,** 8 mai. 2020. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52584458. Acesso em: 15 jul. 2021.

MAZON, Tatiani Longo. **Efeito de fecho em gestos de leitura do conto A Caçada, de Lygia Fagundes Telles.** 102 páginas. Dissertação – Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 21 jul. 2017.

ORLANDI, Eni. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos,** n. 4, p. 7-16. Campinas: Labeurbe; Nudecri, 1999. Disponível em: http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

_____. **Eu, Tu, Ele:** Discurso e real da história. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. 7. ed. São Paulo: Pontes, [1983] 2015.

PORTINARI, Natália. Allan dos Santos, um blogueiro frustrado. *O Globo*, 24 jul. 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/allan-dos-santos-um-blogueiro-frustrado-24548952. Acesso em: 15 jul. 2021.

Recebido em: 14 jan. 2022. | Aceito em: 2 maio. 2022.